

SEQUÊNCIA
DE MIL
BEIJOS DE
GAROTO

mil corações

Partidos

romance

Best-seller do The New York Times

Tillie Cole



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

mil corações

Partidos

Tillie Cole

Tradução
Marina Della Valle



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Tillie Cole, 2024

Esta edição é publicada mediante acordo com McIntosh e Otis, Inc. por meio da International Editors & Yáñez Co' S.L.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright da tradução © Marina Della Valle, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: *A Thousand Broken Pieces*

Preparação: Wélida Muniz

Revisão: Andréa Bruno, Thiago Bio e Caroline Silva

Diagramação e projeto gráfico: Futura

Design de capa: Hang Le

Adaptação de capa: Isabela Teixeira

Imagens de capa: © firina/iStock, Thanyathon/iStock, vetas/iStock, Maica/iStock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cole, Tillie

Mil corações partidos / Tillie Cole ; tradução de Marina Della Valle. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

448 p.

ISBN 978-85-422-3201-1

Título original: *A Thousand Broken Pieces*

1. Literatura juvenil I. Título II. Valle, Marina Della

25-0677

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação

01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Fôlegos perdidos e nuvens em movimento

Savannah

Dezessete anos

Blossom Grove, Geórgia

Havia exatamente quarenta e duas rachaduras no piso de linóleo. Rob, o líder da terapia, estava falando, mas tudo o que eu ouvia era o zumbido metálico do sistema de aquecimento acima de nós. Meu olhar estava desfocado, captando apenas os raios de sol atravessando as janelas altas e o contorno borrado das pessoas no círculo ao meu redor.

— Savannah?

Pisquei para clarear a visão e olhei para Rob. Ele sorria para mim, com a linguagem corporal receptiva e um sorriso encorajador no rosto. Eu me mexi nervosamente no assento. Não tinha sido abençoada com a habilidade de falar em voz alta. Sofria para colocar em palavras os sentimentos turbulentos que se agitavam dentro de mim. Estava melhor sozinha. Ficar com pessoas por tempo demais me exauria; eu me retraía na presença de muitas delas. Eu não era nada parecida com minha irmã Ida, que tinha uma personalidade contagiante e sociável.

Igualzinha a Poppy...

Engoli o aperto instantâneo que surgiu em minha garganta. Quase quatro anos haviam se passado. Quatro longos e dolorosos anos sem ela, e eu ainda não conseguia pensar em seu nome nem em seu rosto bonito sem sentir meu coração desmoronar como uma montanha vindo abaixo. Sem sentir a sombra dos dedos inexoráveis da morte apertando meus pulmões, privando-os de ar.

As já conhecidas pontadas de ansiedade logo começaram a fincar suas garras, subindo das profundezas em que estavam adormecidas. Afundando os dentes nas minhas veias e espalhando veneno pelo meu corpo até fazerem de mim uma refém relutante.

Minhas mãos ficaram úmidas, e minha respiração, ofegante.
— Savannah.

A voz de Rob tinha mudado; embora ecoasse em meus ouvidos enquanto tudo ao meu redor se afinilava num vácuo estreito, ouvi a preocupação na entonação. Sentindo o peso dos olhares de todos em mim, pulei do assento e saí correndo até a porta. Meus passos eram um pulsar arritmico conforme eu seguia o feixe de luz no corredor, indo em direção ao ar livre. Saí pela porta e inspirei o ar invernal da Geórgia.

Pontos de luz dançantes invadiram minha visão, e cambaleei até a árvore que ficava no terreno do centro de tratamento. Eu me apoiei no tronco largo, mas minhas pernas fraquejaram e caí no chão duro. Fechei os olhos e pousei a cabeça na madeira, e a casca grossa arranhou meu couro cabeludo. Eu me concentrei em respirar, em tentar me lembrar de cada aula a que tinha ido e que ensinava a lidar com as crises de ansiedade. Mas isso nunca parecia ajudar. As crises sempre me tomavam como refém até que finalmente desejassem me soltar.

Eu estava esgotada.

Meu corpo tremeu pelo que pareceu uma era, o coração engasgou e titubeou até que senti os pulmões começarem a

relaxar, e a traqueia por fim deu ao corpo o oxigênio pelo qual tanto ansiava. Inspirei pelo nariz e soltei o ar pela boca até ficar mais inclinada sob a árvore; o cheiro de grama e terra atravessou a névoa do bloqueio sensorial da ansiedade que eu sentia.

Abri os olhos e mirei o céu azul, observei as nuvens brancas acima, tentando encontrar formas em suas estruturas. Observei enquanto elas apareciam, depois iam embora, e me perguntei como seria a vista lá de cima, o que elas viam quando olhavam para nós amando, perdendo e ruindo.

Uma gota de água caiu no dorso da minha mão. Olhei para baixo e vi outra gota cair no nó do dedo anelar; estavam vindo do meu rosto. A exaustão me atingiu, consumindo todas as minhas forças. Não conseguia nem erguer as mãos para limpar as lágrimas. Então me concentrei de novo nas nuvens passando, em um movimento constante, sem nunca ter tempo para parar, processar e pensar.

Pensar me dava espaço para desmoronar.

Só percebi que alguém havia se sentado ao meu lado quando senti uma mudança sutil no ar ao meu redor. As nuvens ainda retinham minha atenção.

— Outro ataque de ansiedade? — perguntou Rob.

Assenti, e meu cabelo resvalou na casca de árvore solta que mal se mantinha no lugar. Rob tinha uns trinta anos. Era gentil e excepcional no que fazia. Ajudava tanta gente. Ao longo dos últimos quatro anos, eu tinha visto uma infinidade de adolescentes entrar pela porta do centro de tratamento e sair, mudada, empoderada e capaz de encarar o mundo de novo.

Eu estava simplesmente destroçada.

Não sabia como me curar, como me recompor. A verdade era que, quando Poppy morreu, toda a luz desapareceu de meu mundo, e desde então eu andava por aí tropeçando no escuro.

Rob ficou sem falar por um tempo, mas por fim disse:

— Precisamos mudar de tática, Savannah.

Os cantos dos meus lábios se ergueram quando vi o que parecia uma margarida se formar numa nuvem. Ida amava margaridas. Era a flor favorita dela. Rob se recostou na árvore ao meu lado, dividindo o tronco largo.

— Recebemos um financiamento. — As palavras dele pingavam em meus ouvidos, uma sílaba por vez, enquanto o mundo, meticulosa e lentamente, começava a se costurar de novo. — Há uma viagem — ele disse, deixando a informação pairar entre nós.

Eu pisquei, e a imagem residual do sol dançou na escuridão quando fechei os olhos para expulsar o brilho ofuscante.

— Quero que vá nela — disse Rob.

Eu congelei e por fim virei a cabeça para ficar de frente para ele. Rob tinha cabelo ruivo curto, sardas e olhos verdes penetrantes. Ele era uma paleta de outono ambulante. Também era um sobrevivente. Dizer que eu o admirava era eufemismo. Punido quando adolescente por causa de sua sexualidade pelas mãos daqueles que deveriam amá-lo, havia passado por poucas e boas até alcançar a liberdade e a felicidade, e agora ajudava aqueles que sofriam do próprio modo também.

Há uma viagem... Quero que vá nela...

As palavras atrasadas se infiltraram no meu cérebro e minha velha amiga ansiedade começou a voltar à tona.

— Um pequeno grupo de vários lugares dos Estados Unidos vai fazer uma viagem por cinco países. Uma viagem de cura. — Ele inclinou a cabeça para olhar para as nuvens que tinham capturado minha atenção antes. — Adolescentes lindando com luto.

Balancei a cabeça, o gesto mais pronunciado a cada segundo.

— Não posso — sussurrei, e um medo instantâneo envolveu a minha voz.

O sorriso de Rob foi compreensivo, mas ele disse:

— Já falei com seus pais, Savannah. Eles concordaram que seria bom para você. Já reservamos seu lugar.

— Não!

— Você já terminou o ensino médio e entrou em Harvard. *Harvard*, Savannah. Isso é incrível. — Rob fez uma pausa breve para pensar, então completou: — Fica em Boston. Muito, muito longe daqui.

Entendi as entrelinhas. Eu não conseguia nem me virar em casa, como seria possível que isso acontecesse em outro estado quando estivesse na faculdade?

Quando Poppy morreu, mergulhei de cabeça nos estudos. Precisava ocupar a mente o tempo inteiro. Foi como dei conta. Eu sempre tinha sido estudiosa. Sempre tinha sido a inteligente. A rata de biblioteca. A que falava sobre física, equações e estruturas moleculares. Ida era a espalhafatosa, a irmã dramática, a engraçada, a que conseguia chamar a atenção de todo mundo... de todas as formas. E Poppy... Poppy tinha sido a sonhadora. Tinha sido a que acreditava, a criativa, a que tinha música, esperança e felicidade sem fim no coração.

A que teria mudado o mundo.

Quando Pops morreu, não consegui mais enfrentar a escola; os olhares das pessoas, as encaradas tristonhas, o holofote que me seguia por lá, me apresentando como a garota que tinha visto a irmã mais velha morrer. Então estudei em casa e me formei antes. Harvard tinha me aceitado; eu tinha conseguido passar. Mas, com todo o dever de casa feito, meu tempo recém-encontrado se tornou meu inimigo. Horas livres revivendo Poppy desaparecendo, a morte lenta dela diante de nós. Minutos sem fim que deram à minha ansiedade espaço para atacar, para prolongar suas investidas como mercenários brincando com um alvo fácil. Sentia a ausência de Poppy

como um nó de força que se apertava em torno do meu pescoço dia após dia.

— Sei que deve ser assustador. Sei que é algo que talvez você acredite que não consegue fazer — disse Rob, com um tom de voz gentil e encorajador. — Mas você *consegue*, Savannah. Acredito em você. — Senti meu lábio inferior tremer enquanto o olhava nos olhos. — Não vou desistir. — Um sorriso gentil. — Vamos fazer você superar tudo isso. Vamos te levar para Harvard no outono. E você vai se sair muito bem.

Queria sorrir em resposta, mostrar que eu era grata por ele se preocupar comigo, por ele nunca desistir de mim, mas meus nervos me impediram. Pessoas novas. Lugares novos. Terras desconhecidas... Era muito apavorante. Mas eu não tinha ânimo para discordar. E, caramba, nada mais tinha funcionado para mim. Quatro longos anos de terapia individual e em grupo não tinham conseguido me levantar ou me tornar inteira de novo. Eu estava cansada demais para discutir. Então virei a cabeça de novo e encarei o céu. Uma nuvem grande passou, e eu fiquei imóvel.

Era igualzinha a um violoncelo.

Entrei em Blossom Grove e ouvi a sinfonia de pássaros cantando. Não importava a época do ano, sempre havia algo de sobrenatural naquele lugar. Um pedaço do céu na Terra, um vislumbre do celestial, da paz. Ou talvez fosse apenas o espírito que descansava ali que o tornava tão especial. Protegendo o lugar que ela tanto adorava.

As árvores estavam nuas, os botões ainda se preparavam para nos mostrar sua beleza, mantida à distância pelo inverno mais um pouquinho. Mas isso não deixava o bosque menos

belo. Respirei o ar fresco que assoviava entre os galhos marrons até meus pés me levarem para a árvore que protegia minha melhor amiga.

A lápide de mármore branco brilhava como um anjo no sol poente, e o entardecer cobria o túmulo em tons dourados idílicos. POPPY LITCHFIELD estava escrito em letras douradas, com PARA SEMPRE E SEMPRE entalhado abaixo.

Tirei algumas folhas caídas de cima da lápide e me sentei diante dela.

— Oi, Poppy — eu disse, já sentindo um nó na garganta.

Eu sabia que, para muita gente, quatro anos depois da morte de um ente querido bastavam para já ter encontrado um rumo para a vida. Para seguir adiante na medida do possível. Mas, para mim, quatro anos bem poderiam ser como quatro minutos. Parecia ter sido ontem mesmo que Poppy havia nos deixado... deixado Ida e eu. Deixado mamãe e papai e tia DeeDee. Deixado Rune. As fraturas que tinham se alastrado pelo meu coração ainda estavam abertas e por curar.

Esses quatro anos não mudaram nada. Havia apertado o botão de pausa naquele dia, e eu não tinha conseguido apertar o *play* desde então.

Pousei um beijo nos dedos, então os pressionei na lápide. Sob minha mão, senti o calor do sol que sempre salpicava aquele bosque, avisando ao mundo que alguém belo de verdade morava ali.

Olhei para baixo e vi uma fotografia presa na base da lápide. Lágrimas ardiam meus olhos enquanto eu olhava com reverência a paisagem deslumbrante que ela mostrava. A aurora boreal havia sido perfeitamente capturada, verdes e azuis elevando-se através do céu escuro salpicado de estrelas.

Rune.

Rune estivera ali. Ele sempre fazia isso. Toda vez que voltava para casa, passava horas no túmulo de Poppy, debaixo

da árvore favorita deles. Passava o dia falando com seu único amor, sua alma gêmea, contando da vida na Universidade de Nova York. Do estágio que tinha conseguido com um fotógrafo que ganhara o Prêmio Pulitzer. Das suas viagens pelo mundo, visitando países distantes e atrações turísticas, como a aurora boreal, que sempre capturava em filme e trazia para casa para que Poppy visse.

Assim ela não perde as novas aventuras, ele me dizia.

E havia os dias em que ele visitava Poppy, e eu me sentava atrás de uma árvore ali perto, despercebida e escondida, e o ouvia falar com ela. Quando lágrimas caíam em cascata dos meus olhos diante da injustiça do mundo. Por nós termos perdido a estrela mais brilhante em nosso céu, por Rune ter perdido metade de seu coração. Até onde eu sabia, ele nunca tinha namorado outra pessoa. Ele me disse uma vez que nunca sentiria por alguém o que sentia por Poppy e que, embora o tempo que passaram juntos tenha sido curto, havia sido o suficiente para durar a vida inteira.

Eu nunca vivi um amor como o deles. E achava que muita gente também não tinha vivido. Enquanto Ida buscava e rogava por um amor do tipo Poppy-e-Rune, eu temia que algo assim só me causasse mais dor. E se eu o perdesse também? Como conseguiria superar? Não sabia como Rune sobrevivia a cada dia. Não sabia como ele abria os olhos a cada amanhecer e simplesmente *respirava*. Nunca perguntei a ele. Nunca tive coragem.

— Tive outra crise hoje — eu disse a Poppy, encostando na lápide. Pousei a cabeça no mármore morno. Absorvi o canto reconfortante dos passarinhos que sempre fazia companhia a ela. Depois de vários minutos de silêncio, tirei o caderno da bolsa. Aquele que nunca tinha ousado abrir. Tracei as letras *Para Savannah* escritas na capa, na letra de Poppy.

O caderno que ela havia deixado para mim. Aquele que eu nunca tinha lido, que nem mesmo havia aberto. Não sabia o

porquê. Talvez estivesse com muito medo de ler o que Poppy tinha a dizer, ou talvez porque aquele era o último pedaço que eu tinha dela, e, uma vez que fosse aberto, uma vez que eu lesse a última palavra, ela realmente teria partido.

Abracei o caderno junto ao peito.

— Estão me mandando embora, Pops — eu disse, a voz baixa sendo levada pelo bosque praticamente silencioso. — Uma tentativa de me fazer melhorar. — Suspirei, e o peso no meu peito quase feriu as minhas costelas. — Não sei como soltar você, não sei como te deixar ir embora.

A verdade era que, se Poppy pudesse falar comigo, sabia que ela ficaria arrasada pelo modo como a morte dela havia me paralisado, me ferido de modo irreparável. No entanto, eu não conseguia sair daquele estado. Rob me disse que o luto nunca nos deixava. Em vez disso, nós nos adaptávamos, como se ele fosse um novo membro que precisávamos aprender a usar. Que, a qualquer momento, a dor e a mágoa podiam nos atacar e nos deixar em frangalhos. Mas que a gente acabava desenvolvendo meios de lidar com ele e encontrando um jeito de seguir em frente.

Eu ainda estava esperando esse dia chegar.

Observei o sol poente desaparecer entre as árvores, a lua crescente subindo para tomar seu lugar. O manto dourado que nos adornava se tornou um azul-prateado à medida que a noite chegava, e me levantei para ir embora.

— Eu te amo, Pops — falei, e, com relutância, caminhei pelo bosque, voltando para nossa casa. Nossa casa que, esses tempos, estava sem o pulsar de seu coração.

Porque Poppy estava enterrada no chão atrás de mim. Eternizada aos dezessete anos. A idade que eu tinha agora. Sem envelhecer nunca. Sem nunca brilhar sua luz. Sem nunca compartilhar sua música.

Uma verdadeira perda para o mundo.